

Folha de S. Paulo

6/1/1985

Proposta de Pazzianotto fracassa e a greve prossegue em Guariba

Cecília Pires

A greve dos seis mil trabalhadores rurais de Guariba, região a 60 quilômetros de Ribeirão Preto, intensificou-se ontem depois que piquetes formados nas principais vias de acesso da cidade conseguiram impedir a saída dos caminhões levando os bóias-frias para o campo. Cerca de seis mil trabalhadores estão empregados na lavoura e cerca de três mil na agroindústria. Os dirigentes sindicais da região afirmam que a greve no meio rural é total e atinge 50% dos empregados das usinas. Os empresários não foram ouvidos porque não atenderem a reportagem.

Os trabalhadores foram orientados pelas lideranças sindicais locais ligadas principalmente à Central Única dos Trabalhadores (CUT) mas também à Coordenação Nacional da Classe Trabalhadora (Conclat) e pelos dirigentes da Federação dos Trabalhadores da Agricultura do Estado de São Paulo (Fepaes) a permanecerem em casa. Os poucos caminhões que percorreram os quinhentos pontos de arregimentação dos trabalhadores rurais na cidade não encontraram quase ninguém, e não passaram pelos piquetes, estacionando pelas ruas de Guariba, vazios.

O policiamento foi intenso e começou juntamente com a formação dos piquetes, às 4 horas da manhã. Destacamentos do 13º Batalhão da Polícia Militar de Araraquara tentaram dissolver os piquetes mas uma ordem superior, trazida pelo comandante das tropas, que se identificou apenas como tenente Ari, sustou a medida. Segundo informou o tenente cerca de 400 PMs faziam o patrulhamento da cidade.

O clima de tensão das primeiras horas da madrugada deu lugar a uma situação calma, com os trabalhadores bloqueando as estradas, sem qualquer incidente. Na metade da manhã, notícias de tentativas de negociação por parte de usineiros e de integrantes da Secretaria do Trabalho trouxeram novo ânimo aos grevistas, liderados pelo presidente do recém-formado Sindicato de Trabalhadores Rurais de Guariba, José de Fátima, 28 anos, ligado a CUT.

Colher amendoim

Uma das propostas partia dos dirigentes da Usina Bonfim, uma das cinco usinas que concentram a mão-de-obra da região e que estavam dispostos a propor a contratação dos desempregados. As lideranças do movimento estimam que perto de dois mil trabalhadores estejam sem emprego em Guariba, com o término da colheita de cana há cerca de um mês.

Os dirigentes, porém, não vieram ao centro da cidade para negociar conforme se informava. Também na Usina Bonfim, funcionários informavam à imprensa que a diretoria estava ausente, reforçando as afirmações dos dirigentes sindicais locais sobre a dificuldade de contato com os usineiros que se esquivam de entrevistas.

A assembléia marcada para as 9h30 da manhã foi atrasada com o surgimento de outra notícia sobre negociações transmitidas por telefone pelo diretor regional da Secretaria do Trabalho, em Ribeirão Preto, Evaldo Custódio, 43 anos. Ele estivera reunido durante toda a manhã em Jaboticabal, a 30 quilômetros de Guariba, com o presidente do sindicato rural, que representa os usineiros, José de Laurentis, que também fugiu a contatos com a imprensa.

A assembléia, realizada com a presença de cerca de mil trabalhadores rurais, no Estádio de Futebol, compareceu também Plínio Sarti, 39 anos, diretor do departamento do Interior da

Secretaria do Trabalho. Os representantes estaduais traziam a seguinte proposta: as cinco usinas da região e os fornecedores locais comprometeram-se com a Secretaria do Trabalho a contratar todos os desempregados de Guariba na colheita do amendoim, que ocupa cerca de sete mil alqueires e deverá ser iniciada dentro de quinze dias. A própria Secretaria, através de seu escritório regional em Ribeirão Preto, começaria a cadastrar os bóias-frias e suas famílias na próxima terça ou quarta-feira. O próprio secretário do trabalho, Almir Pazzianotto, compareceria no início da semana a Guariba, para selar o compromisso entre os trabalhadores e os patrões.

Aos gritos de "amendoim não dá nada" e apoiando as declarações do líder sindical José de Fátima, para quem os usineiros teriam forçosamente que contratar mão-de-obra para esta colheita, a assembléia rejeitou a proposta e decidiu manter a greve. Nova assembléia foi marcada para hoje às 9 horas.

Ao rejeitar a proposta, os trabalhadores argumentavam, principalmente, que há muitas outras reivindicações para serem discutidas além de emprego, como por exemplo o rebaixamento salarial na época da entressafra. Durante a colheita, um trabalhador em Guariba recebe em média 15 a 20 mil cruzeiros por dia e nesta época, quando apenas preparam a terra seus rendimentos diários caem para 7 a 8 mil cruzeiros.

Se a greve dos bóias-frias prosseguir até segunda-feira há possibilidade de o movimento alastrar-se. Na noite de sexta-feira uma reunião em Guariba, com a presença de nove presidentes de sindicatos rurais da região, decidiu apoiar o movimento e tentar organizar progressivamente paralisações nas cidades mais próximas. Em Sertãozinho, uma assembléia de trabalhadores rurais decidiu que, se a greve em Guariba prosseguir, os bóias-frias de lá paralisarão as colheitas na segunda-feira.

(Economia — Página 7)